

## OUTRAMUNDAR PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Veronica de Lima Mittmann<sup>1</sup>

Claudia Glavam Duarte<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar o animismo infantil como possibilidade para *outramundar* neste mundo. Vivemos um momento de esgotamento físico, emocional e ambiental. Já entendemos que não poderemos continuar a tratar os não humanos da maneira como temos feito há algumas centenas de anos e principalmente, no último século. Nesse sentido, o animismo infantil viabilizado pelo devir-criança entende que os não humanos seriam dotados de vontade, de capacidade de escolha e de decisão e não meros recursos para uso humano. Assim, o animismo infantil possibilita uma outra relação com animais, plantas e coisas, que viabiliza a construção de outros mundos neste mundo. Com isso, o animismo infantil possibilita a cosmopolítica, isto é, fazer política com todos, humanos e não humanos, para criar uma sociedade, em que os não humanos também sejam sujeitos de direito.

**Palavras-Chave:** animismo infantil, devir-criança, *outramundar*.

## “OTHERWORLD” TO POSTPON THE END OF THE WORLD

### Abstract:

This article aims to present childhood animism as a possibility for “otherworld”. We live in a time of physical, emotional and environmental exhaustion. We already understand that we will not be able to continue treating non-humans the way we have been doing for a few hundred years and especially in the last century. In this sense, infantile animism made possible by becoming-child understands that non-humans would be endowed with will, with the capacity for choice and decision-making and not mere resources for human use. Thus, infantile animism enables another relationship with animals, plants and things, which enables the construction of other worlds in this world. With this, infantile animism makes cosmopolitics possible, that is, doing politics with everyone, humans and non-humans, to create a society in which non-humans are also subjects of law.

**Keywords:** infantile animism, becoming-child, “otherworld”

### A queda do céu...

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: veronicalimam@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: claudiaglavam@gmail.com

“O esgotado é aquele que teve a força de produzir o vazio ou fazer buracos, afrouxar o torniquete das palavras, secar a ressudação das vozes para se desprender da memória e da razão” (PELBART, 2013, p. 43).

“Nós perdemos o mundo. Nos desapossaram dele. Cortaram nossas conexões vivas com as forças do mundo. Já não acreditamos no mundo, isto é, na nossa força de conectar-nos com as forças do mundo. Perdemos a confiança nos elos. Em última instância, fomos separados de nossa força.” (PELBART, 2021, p. 109).

Este artigo é um dos resultados de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem o objetivo de perceber como o animismo infantil possibilitado pelo devir-criança, disponibiliza uma outra sensibilidade para as coisas do mundo que viabiliza *outramundar* neste mundo. Tal compreensão talvez esteja carregada de urgência pois, chegamos ao limite, o que não se trata de um estado, mas de um lugar. O limite é quando percorremos a borda entre o caos do desconhecido e o conhecido que é intolerável. É o lugar do embate entre diferentes intensidades. Zona de tensão. Local de estrangeiridade. É no limite que se questiona o casamento, a profissão, a vida. O limite é um lugar de sofrimento.

[...] de um lado, um Eu não aguento mais (tudo aquilo de que devo me defender, daquilo que meu corpo sofre e me faz sofrer), do outro, um Eu sinto (no sentido em que nos abrimos a tudo aquilo que advém sob a regime sutil). Se fechar para se abrir é o paradoxo da prudência, enunciado por Nietzsche e Deleuze. Mas este paradoxo é primeiramente o paradoxo da relação entre nossa receptividade e nossa espontaneidade que, juntas e inseparavelmente, testemunham aquilo que pode o corpo (LAPOUJADE, 2002, p. 89).

Mas, qual sujeito habita essa zona limiar? Dois personagens: o cansado e o esgotado! Que mundos são possíveis para um e para outro? Assumimos que a condição de cansaço difere do esgotamento. O cansado admite alguns possíveis e o poderia realizá-los. Basta, para ele, descansar, dar-se um tempo, para retomar a tarefa. O cansado tem possíveis do já dado e cabe a ele escolher as alternativas, ou seja, o possível do cansado sempre pode levar o jogo de dados adiante, pode estendê-lo bastando variar a face do dado e, para isso, basta tomar folego para a manutenção do jogo. Em outras palavras, o possível do cansado é a combinação das faces já dadas, delimitadas por imagens já reconhecidas socialmente.

O esgotado é aquele que esgotou os possíveis e precisa perceber os germens de mundos que estão por se abrir. O esgotamento possibilita que o impossível possa ser pensado e sentido. Seria no esgotamento que aquilo que ainda não era imaginado possa se tornar um possível. O esgotado seria aquele que consegue perceber as intensidades antes que elas se atualizem em imagens. Por isso, ele pode criar. Ele esgotou os possíveis do já dado. Então, ele consegue perceber os germens de mundo que fagulham, como raios na tempestade. Com isso, “essa potência de retirada do mundo produz uma vidência, faz de nós videntes de um novo possível, de um novo mundo possível” (DILACERDA, 2022, p. 269). No entanto, há excesso de prescrição e escassez de experimentação. Tudo parece já ter sido dito. A obesidade de certezas não permite que consigamos atingir certas intensidades. Então, repetimos o mesmo e negamos as saliências das diferenças.

O sujeito colonial moderno é um zumbi que utiliza a maior parte de sua energia pulsional para produzir sua identidade normativa: angústia, violência, dissociação, opacidade, repetição... não são mais que o preço que a subjetividade colonial-capitalística paga para poder manter sua hegemonia. (ROLNIK, 2018, p. 13-14).

O esgotado rompe com as normas ao esgotar os possíveis, e assim, ele teria condições de perceber as sensibilidades que se insinuam e consegue dar corpo para esses afectos e perceptos. Para Rolnik (2018), seria preciso retomar as nossas forças vitais que foram cafetinadas pelo capitalismo. Esse movimento não seria apenas racional, pois envolve a maneira como temos gerido os nossos desejos, o que não depende apenas de uma vontade. Seria preciso “resistir ao regime dominante em nós mesmos”. (ROLNIK, 2018, p. 36). Mas, quais são os limites experienciados no contemporâneo que trazem à tona tais sujeitos?

Pensamos que o limite no qual vivemos se daria em diferentes esferas. Chegamos ao limite da exploração do meio ambiente e já entendemos que não teremos como abusar dos considerados não humanos<sup>3</sup> infinitamente. Com a

---

<sup>3</sup> Entendemos não humanos na perspectiva teórica de autores como: Feather (2015), Albert; Kopenawa (2023), Bispo dos Santos (2023), Haraway (2021, 2023), Krenak (2020), Saavedra (2021) entre outros, que problematizam a superioridade dos humanos em relação aos não humanos e

extração de metais raros para as novas tecnologias, muitas regiões estão se tornando inabitáveis, pela contaminação do solo e da água. Assim,

[...] quando tiverem arrancado todas as coisas brilhantes do interior da terra: o ouro, os diamantes, os minérios, mas também os líquidos para fazer fogo de seus motores, quando tiverem derrubado todas as árvores e matado todos os animais; quando tudo isso tiver desaparecido, a terra vai ficar morta (ALBERT; KOPENAWA, 2023, p. 172).

Também estamos vivendo as mudanças climáticas, que têm causado seca em algumas regiões e inundações em outras, o que compromete a disponibilidade de alimentos, pois, “o esfolamento das camadas de proteção que tornam a vida possível acelera mês a mês [...]” (CRARY, 2023, p. 60). A compreensão dos não humanos como recursos parece favorecer a sua exploração à exaustão, comprometendo até mesmo, as possibilidades da dita vida humana no planeta.

Outro limite que percorremos é o das maneiras que temos nos organizado enquanto sociedade. Para Crary (2023), estamos vivendo, pelo excesso de informação e de imagens, uma dissolução do sentimento de comunidade. Além disso, os bens comuns como a água estão sendo privatizados. Ademais, estamos vivendo um momento de grande acúmulo de capital por determinados grupos, enquanto milhares de pessoas passam fome ou estão em insegurança alimentar, não têm habitação e nem formas dignas de sobrevivência.

Para Han (2022), a nossa relação com as coisas se modificou, já que em outros tempos produzíamos vínculos diferentes com as coisas. Era necessário aprender a usar um instrumento, que nem sempre funcionava da mesma forma. As coisas eram feitas de maneira artesanal e havia uma estética que transmitia afectos<sup>4</sup>. Até mesmo as coisas mais tecnológicas exigiam um certo manejo, e era

---

também colocam em suspeita o conceito de humanidade, que tem separado os humanos de todos os outros, compreendidos como não humanos.

<sup>4</sup> Deleuze e Guattari (2010) diferenciam afecção de afeto. Afecção seria os efeitos produzidos no corpo ao se relacionar com outro corpo e afeto seria os efeitos produzidos no espírito. A afecção seria mais passageira, pois seria o estado do corpo afetado na presença do corpo afetante e o afeto seria quando há uma continuidade. Isto é, o afeto não necessita da presença física desse outro corpo. Haveria também, duas espécies de afecção: uma delas se refere a natureza do corpo afetado e a outra se refere as relações do indivíduo com o exterior, denominadas paixões que seriam de duas espécies: paixões tristes, quando somos afectados por um corpo que diminui a nossa potência de agir, e as paixões alegres quando aumentam nossa potência de agir. O afeto emana dessa afecção e

preciso sintonizar a antena no caso das televisões e dos rádios, sentir a temperatura no caso dos ferros de passar, aprender a usar a enceradeira e muitas vezes, os carros enguiçavam no meio do trajeto. Além disso, as coisas ficavam por anos nas casas, sendo passadas de pai para filho. Parecia haver alma nos objetos, pelos vínculos que construíamos com eles. As coisas tinham memória ou estavam na nossa memória e construíamos relações afetivas com elas. No entanto, nos tempos atuais, as coisas têm se tornado digitais, são altamente adaptáveis às vontades humanas e estabelecem uma forma de ser/estar no mundo que parece inviabilizar certo tipo de experiência.

Nessa perspectiva, para esse autor, a nossa relação com os humanos e com as coisas tem se tornado superficiais. Nesse sentido, os vínculos seriam indesejados por inviabilizarem o consumo. Por tudo isso, estamos esgotados. Já não avistamos horizontes e nada mais parece nos encantar. O mundo se desencantou. Estamos esgotados de mundo. Resta-nos então, entender que:

[...] quanto ao possível, você não o tem previamente, você não o tem antes de tê-lo criado. O que é possível é criar o possível. Passa-se, aqui a um outro regime de possibilidade, que nada mais tem a ver com a disponibilidade atual de um projeto por realizar ou a acepção vulgar da palavra utopia (a imagem de uma nova situação pela qual se pretende, brutalmente, substituir a atual, esperando alcançar o real a partir do imaginário: operação, sobre o real, e não do próprio real). O possível chega pelo acontecimento, e não o inverso; o acontecimento político por excelência – a revolução – não é a realização de um possível, mas uma abertura do possível (ZOURABICHVILI, 2000, p. 335).

Como esses possíveis ainda estão em gérmen, não seria viável experimentá-los como consciência. Então, há a necessidade de ir Tateando caminhos, para forjar novos artefatos que sejam potentes para expressar esses novos possíveis que se manifestam como sensação. Seria preciso conectar-se novamente com a vida, para fabular existências que deem passagem para afectos e

---

quando essa potência de agir aumenta, chamamos alegria que se torna amor; quando nossa potência de agir diminui, denominamos tristeza e torna-se ódio. Assim, os maus encontros diminuem e endurecem a vida e os bons encontros expandem a nossa existência.

perceptos, pois, “não há uma crise da qual é preciso sair, há uma guerra que precisamos ganhar” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 19).

### **Um modo de pesquisa**

A pesquisa se constituiu a partir de um *aionograma*<sup>5</sup> e foi realizada durante as manhãs ensolaradas e quentes do mês de março de dois mil e vinte e dois. A investigação foi feita com 23 crianças com idades entre 4 e 5 anos, da pré-escola de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Osório, no Rio Grande do Sul. Eram crianças que estavam há dois anos afastadas da escola devido à pandemia de Coronavírus. Então, também era um momento de reinserção ao ambiente escolar. “Metodologicamente” apoiamo-nos na cartografia<sup>6</sup>, pois tínhamos interesse em mapear as forças que atuavam no corpo-pesquisadora, no ambiente e nas crianças. Deleuze tem razão quando afirma que: “um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que dele se apropria” (DELEUZE, 2018, p. 12). Dessa maneira, não haveria um sentido único para as coisas, mas multiplicidade. Assim, para cartografar essa pesquisa foi necessário perceber o emaranhado de forças que atuavam, seus movimentos, as linhas duras e as linhas de fuga. Além de atravessadas por forças, somos também nós a expressão de forças que se alinham às forças que têm afinidade. Assim, não nos propomos a ditar “verdades”, mas dar visibilidade aos afectos que mobilizaram os corpos da pesquisadora e que foram por nós cartografados.

Para produzir nosso estudo, também inventamos um corpo que pudesse ser afectado, ou seja, afetivo e sensível. Um corpo que pudesse estar atento aos afectos e que pudesse sentir para “desver o mundo para encontrar nas palavras novas

<sup>5</sup> O capitalismo tem adotado Cronos como o tempo que organiza as nossas vidas. Assim, na escola e na Universidade tem sido esse o tempo utilizado para organizar os momentos de estudo, de ensino e de aprendizagem e também, o tempo das pesquisas. Como a proposta foi a de experimentar o tempo *Aion* na pesquisa de doutorado, buscamos inspiração nas crianças, para inventar o *Aionograma*. A composição de um cronograma que pode ser: Normas/regras + cérebro + tempo medido (segundos, minutos, horas, dias, meses e anos) + prazos + organização + previsão + rigidez + continuidades + divisão sucessiva entre passado, presente e futuro = execução e tarefa feita. A composição do *Aionograma* pode ser: corpo E afectos E perceptos E vida E sentidos E acasos E ética E descontinuidades E imanência E intempestivo E presente composto de passado e de futuro ilimitado  $\cong$  criação de uma tese inventada

<sup>6</sup> A partir desse apoio, inventamos a contocartografia que será detalhada posteriormente.

coisas de ver” (BARROS, 2015, p. 13). Nessa perspectiva, para produzir a pesquisa, foram feitas observações e entrevistas semiestruturadas, inseridas nas rotinas da turma, que consistiam em atividades como: momento inicial de recepção aos alunos; momento para a contação de histórias, seguida de uma atividade pedagógica. Depois, as crianças iam para o refeitório, para o recreio e, posteriormente, para a pracinha. A observação das crianças se deu na sala de aula e no pátio.

A educação em ciências da natureza ocorria com ênfase em atividades práticas na escola pesquisada, por orientação das diretrizes federal, estadual e municipal. No caso do município pesquisado, houve inclusive a capacitação do corpo docente. Na turma, foram trabalhados conteúdos que envolviam temas como: as diferentes emoções humanas; os diferentes sons: sons de animais, da chuva, do vento, do mar, das árvores; as cores; as diferenças básicas entre animais e plantas; as diferenças básicas entre os animais (répteis, mamíferos, insetos), onde vivem e do que se alimentam. Da mesma forma, as crianças eram instigadas a observar o tempo e a responder se o dia estava nublado, chuvoso ou ensolarado. No início da aula, também era comum a contação de histórias sobre animais, em que as crianças eram convidadas a interagir, respondendo como eram as características físicas dos animais. Nesses momentos, era preciso sentar-se próximo às crianças e ouvir as suas conversas, que eram gravadas e anotadas. Por estar próxima às crianças, muitas vezes, elas nos chamavam para mostrar os desenhos, as atividades ou, até mesmo para conversar.

Outro momento da aula, era a pracinha, que ocorria após a merenda. Esse lugar era cercado por muros, e havia alguns brinquedos, areia e plantas. As crianças aproveitavam esse lugar para brincadeiras de correr e para brincar na areia. Muitas vezes, éramos interpeladas por crianças nos mostrando e contando a história de um determinado animal. As crianças também brincavam com pedras e tijolos, que tanto poderiam ser um bife quanto um animal ou a estrutura de uma casa.

Nesses momentos, procurávamos nos inserir na conversa e ir fazendo algumas perguntas já elaboradas e outras que iam surgindo. A entrevista semiestruturada possibilitou que, mesmo tendo como objetivo ouvir o que as

crianças diziam sobre ciências da natureza, também ir modificando a abordagem a depender dos caminhos que a nossa conversa ia tomando. Salientamos que as falas das crianças na sala de aula e na pracinha foram gravadas e transcritas e pudemos assim, recortar aquelas que nos pareciam mais potentes.

Para a análise do material empírico, criamos a contocartografia, que possibilitou dar corpo para aquilo que nos atravessou como percepto e afecto. Salientamos que a contocartografia seria uma variação da cartografia visto que, a contocartografia produz contos com “aquilo que ainda não encontrou palavras e por isso, existe apenas no inconsciente, no corpo enquanto sintoma[...]. Escrever é dar nome ao silêncio” (SAAVEDRA, 2021, p.71). Construimos a contocartografia como uma aranha constrói uma teia. Fomos dando expressão e realidade para aquilo que havíamos digerido e também, para o indigesto da pesquisa. Então, a contocartografia seria uma técnica mundana, pois fabula com o corriqueiro e com aquilo que muitas vezes não é percebido.

Os contos ganharam atualidade ao serem escritos e trouxeram, além das falas das crianças, os rastros das sensações que atravessaram a pesquisa. Inventamos essa trilha metodológica, pois os contos pareciam ser uma maneira de dar consistência a uma pesquisa em que se preservam perceptos e afectos. Nesse sentido, nos pareceu que os contos mantinham virtualidades que poderiam se atualizar de maneira diferente em cada leitor. Assim, “o escritor torce a linguagem, fá-la vibrar, abraça-a, fende-a, para arrancar o percepto das percepções, o afecto das afecções, a sensação da opinião – visando, esperamos, esse povo que ainda não existe” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 208).

Para a construção dos contos que integram a contocartografia, precisamos exercitar, como sugere Kastrup (2009), quatro tipos de atenção: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio foi o movimento de varredura, onde ainda não sabíamos o que estávamos buscando. Fomos a campo, mas como tudo era novidade, estávamos atentas a tudo o que acontecia. Não tínhamos um caminho predefinido para a pesquisa, então, fomos anotando tudo: os movimentos das crianças, os perceptos e afectos que aconteciam no pesquisador, as falas das

crianças. No entanto, algo despertou a nossa atenção, então surgiu a necessidade do toque. Já o pouso atento foi uma espécie de zoom em um determinado cenário, e assim, surgiu um território para a investigação. Uma janela com limites e fronteiras. Pudemos então, fazer o reconhecimento atento, que foi possível pela intersecção entre percepção e memória e com isso, pudemos forjar matéria de expressão para aquilo que nos afectava.

A contocartografia seria processual, e nesse aspecto, o pesquisador vai se transformando no pesquisar. Esses diferentes movimentos da pesquisa foram anotados e a partir dessas anotações, houve a criação dos contos. Com isso, os contos da contocartografia seriam uma composição dos diferentes elementos que constituíam o campo e, para a sua produção, o pesquisador precisou se modificar. Transformações a fim de que o corpo do pesquisador estivesse mais propício a afectos e perceptos e, dessa forma, dar corpo ou contos para esse acontecimento.

### **O animismo infantil e a construção de outros mundos**

Estamos no limite. Na linha que cruza um mundo que não é mais tolerável e outros mundos, ainda por inventar. Acreditamos que há outros mundos ainda em virtualidade existindo neste mundo e que poderiam ser criados a partir do animismo infantil, disponibilizado pelo devir-criança. Percebemos em nossa pesquisa que a maneira com que as crianças se relacionam com o mundo se difere da lógica antropocêntrica e se assemelha a de povos antigos e originários, como os indígenas. A isso denominamos animismo infantil.

[...] os antigos caçadores-coletores eram animistas, isto é, não acreditavam na existência de uma distância necessária entre os humanos e os outros animais. O mundo – isto é, o vale local e as cadeias de montanhas ao redor – pertencia a todos os seus habitantes, e todos seguiam um conjunto de regras comuns. Essas regras envolviam uma negociação incessante entre todos os seres aos quais concerniam. As pessoas falavam com animais, árvores e pedras, e também com fadas, demônios e fantasmas. Dessa rede de comunicação emergiam os valores e as normas que comprometiam igualmente humanos, elefantes, carvalhos e assombrações (HARARI, 2016, p. 83).

A aproximação entre o pensamento indígena e o pensamento infantil se daria porque tanto um quanto o outro não pertencem ao pensamento antropocêntrico. Além disso, o devir-criança e o devir-indígena são devires menores e estão fora da norma. Ou seja, seriam devires que fogem à regra ou ao modelo: homem, jovem, branco, rico, saudável e ocidental. Nesse sentido, os devires menores são os devires que racham com o hegemônico e com o já dado e assim, viabilizam a criação e a invenção de novas formas de vida. Com isso:

[...] devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é proporcionar relações formais. Nenhuma dessas duas figuras de analogia convém ao devir, nem a imitação de um sujeito, nem a proporcionalidade de uma forma. Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidades e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67).

Os devires se dariam por contágio e não por filiação. Além disso, não se trata de devir uma criança específica, já que devir é multiplicidade e multidão. Assim, devir seria uma transformação, por meio de uma involução. Com isso, quando devimos criança não voltamos a ser crianças, mas extraímos partículas desse devir para a experimentação de novas maneiras de habitar.

Os adultos, por considerarem os humanos superiores, entendem que poderiam usar os não humanos a seu bel-prazer. Com isso, humanos se deliciam comendo demais, comprando o desnecessário, e desperdiçando vidas não humanas. Talvez a humanidade nos torne insensíveis aos afectos e perceptos provocados pelo encontro com os não humanos. Sensibilidade essa que as crianças mantêm e que viabiliza o animismo infantil.

Cabe compreender que o pensamento infantil e o pensamento indígena são formas elaboradas de pensar e expressam outra maneira de compreender o mundo. No entanto, a racionalidade antropocêntrica, nos faz crer tratar-se de uma desrazão ou de um pensamento ingênuo ainda em fase selvagem. Como afirmam Graeber e Wengrow (2022):

Os imperialistas oitocentistas adotaram com entusiasmo esse estereótipo (mito do selvagem), apenas acrescentando uma série de justificações com ares de ciência – desde o evolucionismo darwiniano ao racismo “científico” – para acentuar essa ideia de simplicidade inocente e, assim, fornecer um pretexto para confinar os povos livres restantes do mundo (ou prosseguindo a expansão imperial europeia, os povos outrora livres) num espaço conceitual em que seus juízos deixassem de parecer ameaçadores (p. 90).

Nesse sentido, o antropocentrismo europeu se consolida e constrói linhas divisórias entre os humanos e, entre eles e o que o cerca – não humanos. Neste binarismo estaria o humano como superior e separado da natureza. Então, os humanos seriam os únicos a serem autodeterminados e com possibilidade de autocomando. Os humanos seriam os sujeitos da natureza e os não humanos seriam os assujeitados à natureza, por não serem autodeterminados. Assim, os não humanos agiriam por instinto e não por vontade, enquanto os humanos teriam possibilidade de escolha e consciência.

O antropocêntrico atuaria classificando Humanidades e, nesse sentido, nem todas as pessoas seriam consideradas humanas da mesma forma e somente “alguns” humanos podem pertencer à Humanidade. Com isso, os humanos “superiores” estariam no centro da Humanidade e nas bordas estão os “quase humanos”. Ou seja, haveria níveis de Humanidade.

Para Feather (2023), existiria uma Máquina Classificadora de Humanidades, gerenciada pelos burgueses, colonizadores e racionalistas, que tem, ao longo dos anos, submetido populações, por meio da colonização, a diferentes formas de violência. A Máquina Classificadora de Humanidades atuou no extermínio de povos nativos, de suas línguas, tradições e culturas. Também seria responsável pela extinção de diferentes espécies de plantas e de animais, já que para manter o padrão exuberante de consumo de um seletivo grupo, que constitui a Humanidade, rios são poluídos, solos são perfurados, causando a instabilidade do terreno, florestas exterminadas e populações inteiras, de humanos e de não humanos, delegadas à falta de itens básicos de subsistência. Isto é,

[...] a Máquina Classificadora de Humanidades se alimenta de outras máquinas existenciais e, em um complexo processo de Maquinofagia colonizadora, a Máquina Classificatória de Humanidade processa,

ressignifica tudo o que poderia ser associado ao Humano. São separadas as Ciências que podem ser consideradas como Ciências daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades; são separadas as Artes que podem ser consideradas como Artes, daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades; são separadas as Filosofias que podem ser consideradas como Filosofias, daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades. Separam-se, então, as Ciências, as Artes, as Filosofias, daquilo que é potencialmente bosta, daquilo que não se encaixa na Máquina Classificatória de Humanidades. A Máquina come, digere e excreta. Expele, em forma de bosta, tudo que é inútil e, para ela, desinteressante (FEATHER, 2023, p. 88-89).

A Máquina Classificatória de Humanidades funciona pela emissão de vibrações, que tem a escola como principal local de propagação. Assim, as crianças ao irem para a escola, além de serem orientadas a não mais devir-criança e a parar de cultivar uma sensibilidade que viabiliza o animismo infantil, ainda precisam sustentar uma máquina que pode ocasionar a morte de humanos e de não humanos. O devir-criança que viabiliza o animismo infantil seria uma trava que pode quebrar a Máquina Classificatória de Humanidades e por isso, as crianças precisam deixar de ser animistas, pois constituem um risco para a Humanidade. Levadas à escola, são incentivadas a ressoar as vibrações da Máquina Classificatória de Humanidades e, ao se tornarem adultas, já estão prontas para aceitar diferentes situações de violência sem se revoltarem.

Em sentido contrário, entendemos a necessidade de uma educação autoimune à Máquina Classificatória de Humanidades, viabilizada pela criação de devires que possam travar e obstruir o funcionamento da Máquina no seu interior, com a inoculação de vida e de tempo inútil na escola, já que “se o capitalismo, como estrutura de gestão de recursos sentado no trono maquinico, estabelece a fragmentação do tempo e o aumento da produtividade, é no tempo improdutivo que residem as Educações autoimunes” (FEATHER, 2023, p. 150).

Entendemos que não haveria uma essência ou uma natureza para humanos e não humanos, mas seriam todos, seres artificiais, que estariam em constante transformação. Não haveria “um próprio” nem para os humanos, nem para os não humanos e a ressonância do animismo dos povos antigos nas falas das crianças possibilitaria outras maneiras de nos relacionarmos com os não humanos. Para

Haraway (2021), temos infantilizado e objetificado os não humanos e animais domésticos, mesmo quando adultos, seriam tratados como “infantis”.

[...] diferentemente de várias projeções perigosas e antiéticas no mundo ocidental, que transformam cães domésticos em crianças peludas, cachorros não existem para os humanos. Essa é, na verdade, a beleza dos cães. Eles não são uma projeção nem a realização de um desejo, muito menos o tólos de nada. Eles são cachorros: uma espécie em relação obrigatória, constitutiva, histórica e proteica com seres humanos. Essa relação não é especialmente agradável; é cheia de desperdícios, crueldade, indiferença, ignorância e perdas, bem como de alegrias, invenções, trabalho, inteligência e diversão (HARAWAY, 2021, p. 13).

A autora propõe que poderíamos entender os animais domésticos como companheiros que dividem conosco um mesmo espaço, onde deve haver negociações para que ambas as espécies, humanas e não humanas, sejam respeitadas nas suas individualidades. Para Haraway (2021) outras espécies como o arroz e outros vegetais utilizados na alimentação, que são frequentemente tratados como objetos, também poderiam ser compreendidos como espécies companheiras, que seria “uma categoria maior e mais heterogênea que animal de companhia, e não apenas porque devemos incluir nela seres orgânicos como arroz, abelhas, tulipas e a flora intestinal, todos essenciais para que a vida humana seja como é” (Ibidem, p. 15).

Além disso, Haraway (2023) sinaliza que vivemos tempos de precariedade, e em que há a necessidade de compor com os não humanos, ou seja, fazer parentescos, a fim de que possamos habitar ruínas por meio da cooperação. Ademais, propõe “[...] humusidades em vez de humanidades [...]. O humano como humus tem potencial, se pudermos picar e desfiar o humano como Homo [...]” (HARAWAY, 2023, p. 62). Ademais,

A humusidade é cooperação pela vida. Implica transformar-se, não se instalar em essências fundamentais, mas absorver os sucos, modificar a acidez e madurar. No caso humano exige aperceber-nos de que o nosso lugar não deve ser privilegiado. Assim queria enunciar hoje para vocês o que denomino uma política do húmus. Porque bebe de todas as tradições ecológicas, o húmus é um conceito heterogêneo e descrito e, de alguma maneira, a sua política é também uma poética (MOURE, 2023, p. 84).



Estamos no limite e é nesse lugar que podemos questionar pressupostos e racionalidades. Talvez seja o momento de questionarmos até mesmo o conceito de Humanidade, que nos tem separado dos não humanos, já que:

As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando: Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade? Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária? Quando a gente vai entender que os Estados nacionais já desmancharam, que a velha ideia dessas agências já estava falida na origem? Em vez disso, seguimos arrumando um jeito de projetar outras iguais a elas, que também poderiam manter a nossa coesão como humanidade (KRENAK, 2020, p. 14).

Na esteira dessas reflexões, mesmo que de diferente perspectiva teórica, Bispo dos Santos (2023) afirma que a Humanidade vive uma cosmofobia, que seria o medo da vida. A “cosmofobia seria responsável por esse sistema cruel de armazenamento, de desconexão, de expropriação e de extração desnecessária” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 27). A desconfiança no cosmos faz com que a Humanidade necessite acumular água, terra, suprimentos e dinheiro, ao ponto de a concentração de renda inviabilizar a vida. Contudo, o devir-criança, que também seria um devir-indígena e um devir-animal nos convidam a realizar uma cosmopolítica, isto é, uma política com humanos e não humanos. Para isso, quem sabe, tenhamos que aumentar nossas potências de sentir, de pensar e de existir de outros modos.

Com isso, o corpo ganha protagonismo, pois compartilhamos com os não humanos corpos que necessitam de alimentação, de moradia e de cuidado. Além disso, o corpo possibilita a empatia e somos capazes de reconhecer sofrimento, vigor, alegria e satisfação nos corpos de outros humanos, dos animais e das plantas. Perceber quando um corpo requer atenção ou quando está com vitalidade.

Ademais, haveria uma idealização da natureza e a compreensão de que tudo o que há na natureza existiria por ser útil. O termo natureza também seria utilizado como sinônimo para essência ou normal. A partir dessa compreensão, costumam

dizer que algumas características seriam naturais dos humanos e outras dos não humanos. Contudo, compreendemos nesses escritos que nem a vida, nem a educação necessitam se pautar pelo útil. A utilidade seria uma invenção humana e não tem a adesão dos não humanos. Acreditar que tudo precisa ser útil impede a alegria, a conexão com a vida e com os não humanos. Qual a utilidade de uma brisa fresca em um dia quente, ou do calor do sol esquentando a pele? Qual a utilidade de encontrar um tucano em uma caminhada ou de sentar-se em um banco para conversar e gargalhar com os amigos? A Humanidade está obesa de “recursos”, bens, dinheiro, diplomas e certificados, mas definha pela falta de vida. Quando mencionamos a palavra Humanidade, me refiro ao seletivo grupo que constitui o centro da Humanidade. Uma minoria que mantém um padrão de vida exuberante e para onde os “outros” almejam chegar.

A proposta é a de que possamos devir-criança para inventar outros mundos neste mundo, pois o mundo em que vivemos chegou à exaustão. Talvez nessa caminhada de perceber os mundos que estão brotando, possamos pedir a companhia do devir-criança e do devir-indígena, experientes em perceber virtualidades.

### **Devir-criança para outramundar neste mundo: experimentações**

Na companhia das crianças, percebemos, que o animismo infantil viabilizado pelo devir-criança, inventa uma relação com os não humanos em que não há a subjugação desses ao humano, mas possibilita estar junto. Com isso, o animismo infantil se constitui como um movimento de resistência ao antropocentrismo.

#### **MÃE DOS ANIMAIS**

Era uma tarde gelada e eu tentava me aquecer, sentada no sol, com uma xícara de chá.

*Cutucou* meu braço e falou baixinho:

- Meu cachorro é feliz porque eu dou comida pra ele todo dia. Todo dia eu brinco com ele e dou a bolinha para ele brincar. Às vezes ele fica comendo ração e

eu fico comendo Miojo com ele. A gente faz tudo junto. A Dália tem um coelho. Daí o coelhinho fica comendo Miojo com ela. Eles ficam juntos pra sempre. Ela não larga esse coelho nunca. Se ela largar, o coelho fica chorando. Todo dia que ela vai para a escola, ele acorda chorando e fica chorando até ela chegar. Daí ele para de chorar. Porque ele acha que ela é a mãe dele.

Os cabelos arrepiados e os braços fininhos. Parecia frágil, mas fui eu que quebrei. Eu rachei por toda parte, enquanto vibrava naquela entonação.

- Ela come com ele junto, ela brinca, ela vai tomar banho com ele junto. Antes ele era de uma princesa que deu para a Dália. Daí, Begônia tinha um gato. Ela dormia com ele, comia com ele, engatinhava com ele e miava com ele. Ele fazia tudo com ela, ele amava a Begônia, ela era a mãe dele. A Begônia é a mãe do gato, o Narciso do cachorro, a Dália é mãe do coelho. Sabe qual é o nome do coelho mesmo? Cenourinha. Daí, o gato dela se chama Lia.

O toque suave daquelas mãos e mais do que as pALaVraS, o que elas diziam, emperraram o meu pen\*sa\*men\*to. Fiquei por um momento, sem palavras, tamanho estranhamento.

- Quando eles estão felizes, eles vêm no colo das pessoas, quando eles estão tristes, eles ficam no chão lá na sala. Às vezes eles choram. Mas quando eles choram, a gente cuida deles. Ele vem no meu colo quando eu tô doente. Ele sabe de tudo, ele me cuida. O meu gato é que faz isso. Ele pensa que vai me cuidar.

Então, olhei-o novamente, perdida no fundo daqueles olhos-alma e ele voltou a falar:

- Se não der comida pra ele, ele fica triste. Ele fica triste porque eu não dei nenhum cobertorzinho pra cobrir ele, daí ele fica com frio. Até uma casa e um cobertor. Eu deito com ele.

Enquanto ele falava, minha memória era habitada por animais imaginados. Seres de um outro eu, de uma época em que eu não era adulta. Animais que tinham nomes e vontades. Eu conversava com gatos e caracóis. Um universo que tinha cores tão diversas que nem eram desse mundo, pelo menos, não desse mundo que habito hoje.

Não era um absurdo o que ele dizia. Eu podia reconhecer esse mundo, mais do que isso, eu podia senti-lo. Mas eram recordações difusas, que se insinuavam na minha mente e escapuliam. Memórias impossíveis de agarrar. Meus sentidos aguçavam no desejo de rascunhar imagens que escapavam. Não existia vocabulário para aquela sensação. Eram de um tempo em que as palavras não me pertenciam. Eram de um tempo em que eu era toda experiências.

De repente, tenho de novo seis anos e estou olhando as flores no jardim. Passo minha mão por suas pétalas aveludadas, mastigo um pedacinho pra sentir o gosto amargo. Converso com as flores. E encontro uma joaninha que passeia apressada pelas folhas. Estendo os meus dedos para me tornar caminho e deixo que atravesse mãos e braços. Eu sinto o movimento das patinhas que andam na minha pele-chão e o ar fresco que toma as suas asas na nossa despedida.

E me pergunto. Quando foi que me perdi desse mundo? Talvez eu tenha esquecido de deixar as pedrinhas que marcavam o caminho de volta.

O animismo infantil viabilizado pelo devir-criança possibilita uma relação muito próxima com os não humanos e permite a experiência, que não seria “o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”. (LARROSA, 2002, p. 28). Então, o devir-criança possibilitaria essa abertura para o outro não humano e com isso, corpo para diferentes afectos.

### **Alguns suspiros finais...**

Ao irmos fechando essa escrita, entendemos que o limite é o lugar mais perigoso, mas é também no limite que outras formas de vida podem brotar. Iniciamos essa escrita falando de esgotamento, mas talvez possamos falar também de potências.

O devir-criança nos convida a experimentar outros encontros, entre corpos humanos e não humanos. Encontros que podem abrir virtualidades e mundos em gérmen. Contudo, para -, seria preciso certo tato, para tocar o que ainda não tem

forma. Quebrar conceitos há bastante tempo tidos como verdades na nossa sociedade, como o antropocentrismo. Nos colocamos a experimentar e assim, provocamos pequenas rachaduras, para que outros mundos possam brotar nas brechas.

Estamos sobrecarregados de estímulos, de Humanidade e de objetos, mas não temos conseguido nos relacionar com os não humanos a ponto de ter experiências, bons encontros e isto, faz com que tenhamos que consumir cada vez mais, humanos e não humanos. Estamos anestesiados de vida. Então, desejamos que essa escrita possa ser um vento suave, que refresca o rosto. Ou, um toque quente que te faça à flor da pele. Estamos no limite e é nesse lugar que temos coragem para avistar o caos e perceber que temos poucas certezas, somos animais frágeis. Talvez a nossa força esteja em nossa vulnerabilidade. Quem sabe possamos remover as vendas para olhar a vida nos olhos e perceber de outras formas os não humanos com quem coabitamos o planeta. Talvez, possamos, a partir daí, inventar outras maneiras de nos relacionarmos. Formas de vida mais respeitadas com humanos e não humanos. Uma cosmopolítica que contemple a todos e que viabilize um *Outramundar* neste mundo abrindo brechas para que o novo brote. Isso dá medo, mas também amedronta continuar a viver em um mundo saturado. Um pouco de ar, por favor!

### Referências

ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **O Espírito da Floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BARROS, M. de. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra quer, a terra dá**. São Paulo: Ubu, 2023.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. São Paulo: N-1 edições, 2016.

CRARY, J. **Terra arrasada**: além da era digital: rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol III. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DILACERDA, L. A visão do invisível em Deleuze. In: SILVA, F. G. P. da; ARAÚJO, H. F. de; SILVA, F. A. D. da; BANDEIRA, F. D. de A. (org.). **Pilares da Filosofia**: estudos acerca da ética, política, linguagem, conhecimento e ensino de filosofia. 1. Ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, p. 88-98.

FEATHER, B. **A Máquina Classificatória de Humanidades**: escritos excrementais. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

GRAEBER, D.; WENGROW, D. **O despertar de tudo**: uma nova história da humanidade. Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

HAN, B. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis: Vozes, 2022.

HARARI, Y. N. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In LINS, D.; GADELHA, S. **Nietzsche e Deleuze**: que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Damará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 81-90.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Abr., 2002. V. 19, p. 20-28, Disponível em: <[scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt)> Acesso em: 28 nov 2023.



MOURE, T. Húmus: Eco-linguagens na época do colapso. **Ecolinguística: Revista brasileira de Ecologia e Linguagem (eco-rebel)**, V. 9, N. 1, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/5+Moure%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/5+Moure%20(3).pdf) Acesso em: 02 abril 2024.

PELBART, P. P. **O avesso no niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PELBERT, P. P. Tempos de Deleuze. **Revista Limiar**. Semestre de 2021. Vol. 8, no. 15, p. 107-123.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAAVEDRA, C. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

ZOURABICHVILI, F. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). *In*: ALLIEZ, É. (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.